

COLÉGIO PEDRO II

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa,
Extensão e Cultura Especialização em Teorias e
Práticas da Geografia Escolar

Luanna Siebert dos Santos

**POR UMA GEOGRAFIA ANTIRRACISTA: proposta de uma
sequência didática utilizando o funk carioca**

Rio de Janeiro

2024



Luanna Siebert dos Santos

**POR UMA GEOGRAFIA ANTIRRACISTA: proposta de uma sequência didática
utilizando o funk carioca**

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Programa de Especialização em Teorias e Práticas da Geografia Escolar, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Geografia Escolar.

Orientador: Leandro Tartaglia

Rio de Janeiro

2024

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA
BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER
CATALOGAÇÃO NA FONTE

S237 Santos, Luanna Siebert dos

Por uma geografia antirracista : proposta de uma sequência didática utilizando o funk carioca / Luanna Siebert dos Santos. - Rio de Janeiro, 2024.

15 f.

Artigo científico apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Teorias e Práticas da Geografia Escolar) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Leandro Riente da Silva Tartaglia.

1. Geografia – Estudo e ensino. 2. Funk (Música) - Rio de Janeiro (RJ). 3. Antirracismo. 4. Sequência didática. 5. Currículos - Educação – Brasil. I. Tartaglia, Leandro Riente da Silva. II. Colégio Pedro II. III Título.

CDD 910

Luanna Siebert dos Santos

POR UMA GEOGRAFIA ANTIRRACISTA: proposta de uma sequência didática utilizando o funk carioca

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Programa de Especialização em Teorias e Práticas da Geografia Escolar, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Geografia Escolar.

Aprovado em: _04___/_10___/2024___.

Leandro Tartaglia
(Orientador)
Colégio Pedro II

Demian Castro
Colégio Pedro II

Leonardo Castro
Colégio Pedro II

Rio de Janeiro

2024

POR UMA GEOGRAFIA ANTIRRACISTA: proposta de uma sequência didática utilizando o funk carioca

Luanna Siebert dos Santos

Resumo: O objetivo deste artigo é criar uma sequência didática que auxilie professores a utilizarem o Funk como ferramenta didática no Ensino de Geografia. Para isso, é necessário a compreensão do Funk como manifestação cultural afro-brasileira popular. É de suma importância compreender que as manifestações culturais que se reproduzem na sociedade terão relevância na escola. Contudo, até os dias atuais, determinadas expressões culturais são marginalizadas e deslegitimadas pelo Currículo Escolar. O sancionamento da Lei 10639/03 que prevê a obrigatoriedade do Ensino de História e Cultura Afro-brasileira nas escolas, teve relevância para que Funk pudesse ser validado pelos parâmetros curriculares. Todavia, observa-se, que na prática escolar, tal expressão cultural ainda é pouco explorada e, mesmo após a concretização da lei, percebe-se que existe uma marginalização do Funk na escola. Logo, este artigo convoca os professores para que, urgentemente, se comprometam com uma educação antirracista que busque desconstruir estereótipos e preconceitos contra a existência dos pretos, favelados, periféricos e das suas práticas, além de apresentar o Funk como uma possibilidade de ferramenta didática no ensino de uma Geografia ancorada neste viés.

Palavras-chave: Funk. Educação Antirracista. Sequência Didática

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo propor uma reflexão acerca de como o Estado e a grande mídia criminalizam e marginalizam historicamente a juventude preta e periférica, por meio de abordagens e intervenções que impõem rótulos pejorativos ao Funk. Além disso, o artigo se propõe a pensar em como uma sequência didática pode auxiliar no aprendizado do aluno.

Posteriormente, segue a reflexão acerca da relação entre o funk e a necessidade de introduzi-lo nos debates escolares, trazendo uma breve exposição sobre sua história enquanto cultura construída a partir de sons africanos até a sua chegada nas favelas do Rio de Janeiro, e seu desenvolvimento no país. Com isso, é necessário entendermos que o funk tem um apelo juvenil, e afastá-lo do ambiente escolar é negar as vivências dos alunos e marginaliza-los.

No Brasil, a vertente do funk que se popularizou traduzia em suas letras lazer, diversão, danças, romances e até críticas sociais. Essa característica juvenil do funk não é algo recente, mas sim uma constante ao longo de sua história. Todavia, não são essas características que tornaram o funk marginalizado, e sim por atingir uma grande concentração de pessoas negras que foram excluídas da sociedade desde a formação do Brasil.

Com isso, gradativamente se tornou urgente a compreensão da origem da suposta ligação entre violência e o funk. Esta associação foi muito alimentada em primeiro lugar pelo Estado, e posteriormente pela imprensa, que criou uma noção genérica e criminosa da juventude ouvinte de funk e frequentadora de bailes. Isto contribuiu para a criminalização dos jovens negros. Essa construção da imagem do "funkeiro" como sinônimo de criminalidade e perigo foi de suma importância para a exclusão desses jovens de certos espaços.

Nesse sentido, a reação à presença dos jovens negros em certos espaços, como as praias e os shopping centers, exhibe uma dinâmica de segregação e exclusão social que se perpetuou até os dias atuais. Esses espaços, vistos como controlados, higienizados contra conflitos urbanos, são locais imaginados para parcela da sociedade concretizando o privilégio da branquitude. Logo, a ocupação desses locais por jovens que fogem ao estereótipo de frequentadores desejáveis desestabiliza essa lógica, e revela as contradições presentes em nossa sociedade.

Com isso, é necessário para entendermos este afastamento escolar das vivências desses alunos falarmos sobre o histórico de repressão do Estado ao lazer das populações negras no Brasil desde sua formação, demonstrando como essas restrições continuaram após a instauração da república, visando controlar as classes mais pobres. Ainda que alguns avanços legislativos tenham sido alcançados ao longo do tempo por meio de esforços e organizações do Movimento Negro no Brasil, como o reconhecimento da capoeira como Patrimônio Cultural Brasileiro e a garantia da liberdade de culto para religiões de matriz africana, esses progressos não garantem na prática a igualdade racial e no fim dos estereótipos e preconceitos. Dessa maneira, a professora de Geografia Ludmylla Golçaves destaca:

“Inferiorizar o Funk, pela música, pelo ritmo, pela dança, pelas roupas, pelo jeito de falar e pelos lugares onde a massa funkeira se origina, não é só desprezar um movimento cultural, mas também menosprezar os envolvidos nesse movimento: é sobre as suas existências. Renunciar as corporeidades negras às esferas intelectuais, as destituindo de conhecimento e relevância, é uma das estratégias do racismo para perpetuar o modelo universalista ocidental.” (GONÇALVES, 2021).

Urge propormos uma reflexão acerca do caráter contestatório atribuído ao funk por uma parcela da sociedade. O fenômeno do funk é compreendido como majoritariamente juvenil, dessa maneira, os professores precisam atentar-se ao fato de que justamente por fazer alusão ao cotidiano e estilo de vida dos alunos, há a necessidade de implementarmos no ambiente escolar. É notório que por muitos anos o Estado fez o papel de marginalizar jovens pretos como possíveis infratores da lei, e dessa maneira cabe a escola lutar contra este estereótipo. O cantor Mc Marcinho, que foi um fenômeno no funk, compôs uma música retratando a realidade das comunidades. Em suas palavras o autor afirma:

“Eu peço a eles, me dê uma trégua
 Pra vivermos felizes em nossas favelas
 Porque aqui no morro também tem jogador
 Artistas famosos, empresário e doutor
 Gente inteligente e mulheres belas
 Você também encontra aqui na favela
 Favela...
 Orgulho e lazer, estamos à vontade
 Nós somos...
 Favela...
 Orgulho e lazer, estamos à vontade
 Somos mais você...”

Mc Marcinho, 2003

1.1 Uma breve história do funk no Brasil ou no Rio de Janeiro

Desde a sua origem seus maiores consumidores são os jovens, em especial pretos e favelados. O funk é um gênero musical que teve sua origem nos Estados Unidos, que logo migrou para o Brasil. As origens do funk são remetidas inicialmente ao blues. Do blues ao soul, gênero oriundo do blues, com elementos do gospel das comunidades afro-estadunidenses que embarcou na luta pelos direitos civis na década de 1960. O termo “funky” emergiu nas décadas 1960-1970 e se tornou símbolo de luta da comunidade preta estadunidense, como nos indica Herschmann (2005):

Na realidade, com a intensa presença do soul no mercado, alguns músicos mais engajados da época passaram a encarar o funky como uma vertente da música negra ainda capaz de produzir uma música, por assim dizer, "revolucionária", dirigida para essa minoria étnica. (HERSCHMANN, p. 21, 2005).

Na cena funk no bairro do Bronx, tradicional bairro preto da cidade, se criou uma variação do gênero a partir da adição de elementos sonoros, surgindo o que conhecemos como hip-hop. O funk ganha projeção a partir do ano de 1970 de forma internacional, chegando ao Brasil neste mesmo período. O ponto inicial do gênero foi o Rio de Janeiro, que deu origem ao funk carioca. O funk era ouvido nos chamados Bailes, que chegaram a ter a presença de muitos jovens de toda a cidade.

Os bailes ocorriam com grande frequência na Zona Norte, se espalhando para clubes locais. Com isso, surge um dos elementos do fenômeno dos bailes: o famoso "paredão". Com uma grande quantidade de pessoas frequentando, os organizadores dos bailes tiveram de investir em aparelhagem de som, empilhando caixas e assim formando uma parede de som. Na década de 1980 a Zona Sul do Rio de Janeiro voltava sua atenção ao rock nacional, e o funk permanecia sendo o ritmo das noites da Zona Norte. Como Herschmann (2005) indica:

Pode-se dizer que, cada vez mais, o "local reinterpretava o global"; estava em andamento um intenso processo de apropriação da cultura hip-hop por parte dos consumidores cariocas que determinou similaridades, mas, principalmente, diferenças entre o "funk nacional" e o hip-hop em geral, ressimbolizado no mundo inteiro (HERSCHMANN, p. 25, 2005).

Gradualmente, o funk e os bailes foram consolidados pela população como o principal lazer da juventude carioca pobre e favelada. Os elementos africanos e nacionais foram introduzidos ao funk até a consolidação do estilo como é hoje como o som do berimbau, o som do atabaque que dá origem à batida do "tamborzão" que vai demarcar uma importante transformação no início dos anos 2000, dialogando com os elementos estrangeiros com nativos.

Portanto, a defesa por uma educação antirracista no Brasil se torna urgente nas escolas, ao som de batidas e danças de Funk, para que seja usada também como ferramenta pedagógica no ensino, bem como de luta pelo fim do racismo e pela reafirmação de identidades negras.

1.2 A relevância das Geografias Negras para o ensino de Geografia.

A implementação da lei 10639/03 é uma das possibilidades de ações afirmativas, bem como a cota para pessoas negras e indígenas para as universidades. A luta complexa, caracterizada por Pereira (2017), se dá desde os tempos da escravidão no Brasil através dos quilombos.

Os movimentos negros são imprescindíveis para a introdução e continuidade do debate racial dentro das escolas. Vale salientar que a formação de professores deve se dar em espaços escolares e não-escolares como também através da articulação entre cultura, identidade negra e educação para uma prática ligada às questões raciais. As produções acadêmicas e manuais escolares registram a concepção eurocêntrica e a sua trajetória enquanto sociedade. E há lacunas sobre a memória cultural de indígenas e povos afro-brasileiros.

Logo, na Geografia Escolar, o Funk como movimento cultural afro-brasileiro pode ser instrumento para a compreensão articulada das espacialidades a partir das conexões entre culturas negras diaspóricas e cotidiano periférico, uma vez que no Brasil, segundo o IBGE, a maior parte da população negra do país é formada por pessoas pobres. As possíveis conexões multiescalares constroem redes que fortalecem e reafirmam a memória e a identidade negra entre professores e estudantes negros e contribui para que pessoas não-negras compreendam a importância da consciência antirracista (OLIVEIRA, 2016).

As Geografias Negras, que por anos foram negligenciadas no debate acadêmico, gradativamente tem conquistado um espaço pensando na transformações e nas necessidades atuais da sociedade. Com isso, é partir dela, que se torna possível desenvolver metodologias através de um saber racializado focado no protagonismo das histórias, culturas e práticas espaciais dos negros.

É sabido que, há uma relação de poder no chão da escola bem como na formação dos currículos, um discurso em disputa entre concepções de vida social distintas em que a Geografia pode ser usada como forma para tornar possível a apreensão articulada das espacialidades a partir das conexões entre culturas negras e cotidiano periférico.

Ademais, nas instituições são selecionados conteúdos que devem ser trabalhados nas salas de aula, e tem como objetivo naturalizar a hierarquia e as práticas dos grupos hegemônicos da sociedade. A escola é um dos locais estratégicos para a perpetuação da estrutura de uma sociedade (BOURDIEU, 2007).

Nesse sentido, o Funk como um movimento cultural negro deve ser contemplado e

utilizado como ferramenta pedagógica em sala de aula, bem como prevê a Lei 10639/03 sobre a obrigatoriedade do Ensino da Cultura Afro- brasileira.

Além disso, as Geografias Negras trazem uma nova perspectiva para se refletir sobre as espacialidades e as práticas sociais a partir de um olhar negro. Então, usar o Funk como uma ferramenta didática no ensino de Geografia é uma estratégia para se desenvolver uma prática docente voltada para atividades culturais e experiências negras.

Na Escola, os conteúdos ensinados são validados por documentos desenvolvidos por profissionais da Educação bem como grandes órgãos gestores. Nestes documentos constam os saberes escolares que serão referências das atividades nas instituições de ensino a cada ano de sua atualização. Os currículos podem ter duas características: normativa, é lei e deve ser posta em prática, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC – BRASIL, 2018) ou; consultiva com orientações para adaptações curriculares e são divididos por disciplinas, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN – BRASIL, 1998) (GONÇALVES, 2021).

O que é trazido para dentro do espaço escolar tem o poder de construir formas de pensamento para a sociedade. Desse modo, se mantivermos um currículo que segue uma base eurocentrica e elitista, nada irá mudar na base da sociedade brasileira.

Com a institucionalização da Geografia no Brasil até a Geografia Crítica, tiveram anos de manutenção de uma memória escolar conservadora, com uma perspectiva pedagógica tecnicista. Delgado de Carvalho, propõe maior relação entre a Geografia Escolar e Acadêmica, o autor adota uma abordagem regional nos livros didáticos e, critica as práticas dos professores de Geografia alegando que existiam resistências contra o novo e a permanência de ações daquilo que já era considerado tradicional e enraizado na Prática Docente (GONÇALVES, 2021). Ainda que a Geografia Crítica esteja presente, na prática pode prevalecer até a atualidade o modelo conservador e tecnicista por se tratar da estrutura na qual a Educação e a Geografia Escolar estiveram inseridas na maior parte do tempo de sua existência.

É importante salientar que a ideia na Geografia tradicional de que o professor é instrumento para transmitir conhecimento estabelecidos, confirma então que é designado ao professor o papel de exercer a transposição didática. Estas disputas curriculares e de discursos, é uma forma de negar a subjetividade da prática docente. O saber docente é o conhecimento científico que os professores dominam, todavia, eles também são criadores de saberes práticos dentro da sala de aula.

Nessa linha tênue entre conhecimento científico e escolar, professores e estudantes estão envolvidos no desenvolvimento da Geografia Escolar. Há relevância da pesquisa no Ensino de Geografia para proporcionar formas que reflitam e estruturam uma sociedade em defesa da igualdade social, pela democracia e para a criação de um raciocínio geográfico que se atente na compreensão da realidade a partir das espacialidades. Pereira, (2017, p. 15-16) nos ajuda a pensar quando afirma:

(...) graças às articulações estabelecidas, especialmente a partir dos anos 1980, entre setores do movimento negro brasileiro e as diferentes instâncias e/ou organizações do Estado nos âmbitos municipal, estadual e federal, bem como destacom partidos políticos e organizações da sociedade civil. (...) Esse processo no período contemporâneo [nos leva a pensar], quando o movimento negro – um movimento social muito diverso e plural, como todos os movimentos sociais – passa a apoiar majoritariamente e a adotar como estratégia política a luta por ações afirmativas para negros no Brasil.

As práticas racistas aparecem no cotidiano da escola, e apesar de caber a toda comunidade escolar o compromisso com uma educação antirracista, a Geografia precisa, ter docentes comprometidos na defesa da igualdade racial. É necessário entender que

precisamos criar instrumentos para combater o racismo.

Portanto, a partir das leituras de estudos das Geografias Negras, é necessário, na Geografia Escolar, compreender o que se avançou sobre o conhecimento docente e isso perpassa a formação de professores. A escolha do Funk como ferramenta didática envolve a popularidade desta cultura no Brasil e principalmente no Rio de Janeiro. Urge, nesse sentido, o compromisso de usar elementos dessa cultura, para aflorar africanidades, resgatar ancestralidades, dar protagonismo à população negra. Desse modo, utilizar o Funk como um aliado didático no Ensino de Geografia é uma das estratégias antirracistas para se desenvolver o raciocínio geográfico escolar enegrecido.

2 A SEQUÊNCIA DIDÁTICA COMO PROPOSTA METODOLÓGICA

O processo de educar ocorre em seres humanos independente do nível escolar e idade, presente em ambientes escolares e não escolares. Apesar do ambiente escolar possuir regras de conteúdos a serem ministrados, se refletirmos sobre a prática educativa atual ainda perduram problemáticas como: ações centrada nos professores, pouca preocupação com desenvolvimento de um pensamento crítico e memorização de conteúdos.

Nesse sentido, pode-se pensar nas possíveis soluções para tais problemáticas. Uma solução viável está no aprofundamento de como os educadores aprendem a ensinar e como esse processo de ensinar pode auxiliar na condução da aprendizagem.

O professor não deve ser entendido como transmissor de conteúdo e sim como mediador. O professor é uma ponte entre o conhecimento e o aluno para que o aluno tenha a autonomia de questionar e pensar por si mesmo. Urge a necessidade de romper com a ideia da compreensão do aluno como depósito do educador.

As práticas de ensino tradicionais não diferem muito das práticas atuais. Todavia, é perceptível que estratégias de aprendizagem foram desenvolvidas ao longo dos anos por pesquisadores e educadores. Por conseguinte, acreditar na possibilidade de mudança no fazer pedagógico foi de suma importância, logo, a sequência didática se apresenta como uma estratégia de metodologia renovadora na maneira de ensinar.

Com isso, a sequência didática pode ser entendida como uma metodologia que preocupa-se com a aprendizagem centrada no aluno e que tem sido adotada por muitos professores. Esse pensamento da aprendizagem centrado no aluno surge a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais, conhecido popularmente como PCNs. A partir da compreensão da aplicabilidade da sequência didática, essa metodologia tem sido entendida como eficiente e pode ser usada em todas as etapas da educação básica.

Com base na concepção de teóricos, Zabala (1998) afirma que toda prática pedagógica requer uma organização metodológica antes de sua execução. Com isso, antes da organização de uma sequência didática ou sequência de atividades, o professor deve ter em mente duas questões cruciais que justificam a prática educativa: “Para que educar? Para que ensinar? ”. O autor ainda afirma:

[...] introduzir nas diferentes formas de intervenção aquelas atividades que possibilitem uma melhora de nossa atuação nas aulas, como resultado de um conhecimento mais profundo das variáveis que intervêm e do papel que cada uma delas tem no processo de aprendizagem dos meninos e meninas. (Zabala, 1998, p.54).

Ao questionar-se sobre o que é uma sequência didática pense em um conjunto de estratégias e atividades planejadas pelo professor com objetivo de alcançar o entedimento pelos alunos. É mais amplo do que um plano de aula pois são selecionadas várias

estratégias de aprendizagem e ocupam mais de um dia de aula.

É necessário entender essa metodologia como uma ação democrática que inclua os alunos, pois é interessante que eles se apropriem do processo ensino-aprendizagem. As atividades propostas na sequência didática levam em consideração atividades investigativas, e instigam o aluno a por a mão na massa.

Para que a sequência didática transcorra é imprescindível que o professor apresente ao aluno atividades lúdicas e materiais diferenciados do cotidiano da sala de aula tradicional. É de suma importância apresentar novos desafios para buscar a construção do conhecimento e a reflexão do indivíduo. Para planejar uma sequência didática com êxito é necessário pensar em um conjunto de atividades interligadas, organizadas por etapas e que pode levar algum tempo para chegar ao resultado final. Essa metodologia possibilita embrenhar temas e conteúdos de modo prático com os alunos. Zabala afirma:

Sequência didática é “um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que têm um princípio e um fim conhecidos tanto pelo professor como pelos alunos” (Zabala, 1998).

É indispensável que ao iniciar essa metodologia, o professor faça um diagnóstico prévio dos conhecimentos pertencentes aos alunos e, em diante planejar as etapas com problematizações dos pensamentos já estabelecidos por eles. A partir disso, é possível aprofundar o tema específico a ser tratado.

Através do entendimento de Paulo Freire, o professor não deve ser visto como detentor do conhecimento mas como mediador na construção do conhecimento do aluno. Desse modo, exclui-se a ideia de uma educação tecnicista que é substituída pela visão de interação entre professor e aluno com uma aprendizagem mais significativa e transformadora. Segundo (Freire, 1996)

[...] o educador que, ensinando qualquer matéria, ‘castra’ a curiosidade do educando em nome da eficácia da memorização mecânica do ensino dos conteúdos, tolhe a liberdade do educando, a sua capacidade de aventurar-se. Não forma, domestica. [...] nenhuma formação docente verdadeira pode fazer-se alheada, de um lado, do exercício da criticidade que implica a promoção da curiosidade ingênua à curiosidade epistemológica e, de outro, sem o reconhecimento do valor das emoções, da sensibilidade, da efetividade, da intuição ou adivinhação (Freire, 1996, p. 17).

Portanto, vale ressaltar que a sequência didática se junta às perspectivas de trabalho pedagógico bem orientado, no qual o professor é desencadeador das ações e mediador da aprendizagem.

3 SEQUÊNCIA DIDÁTICA NA PRÁTICA: O FUNK NA SALA DE AULA

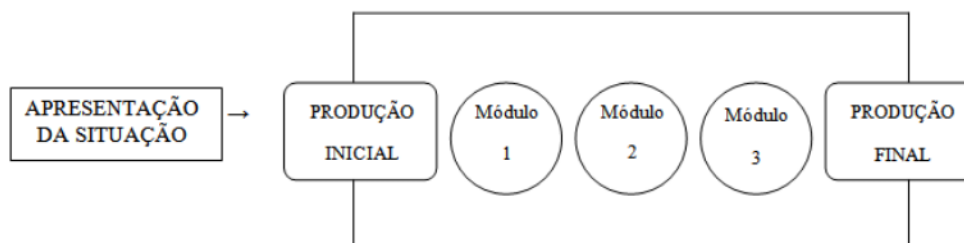
Para instituímos qualquer ferramenta didática nas salas de aula do Ensino Fundamental e Ensino Médio é necessário ser pontual para que esteja regido pela BNCC (Brasil, 2018) e com o Novo Ensino Médio.

Nesse sentido, as propostas de uma sequência didática recomendada neste artigo será desenvolvida a partir das conjunturas atuais e projetadas com olhar crítico para os anos que seguirão conforme o novo modelo normativo para os anos finais da Educação. Um exemplo a ser utilizado é a referência “Diálogos em Ciências Humanas” de Vicentino,

Campos e Sene (2021), disponibilizado no Plano Nacional do Livro Didático 2021, que destaca onde são encontrados conteúdos que desenvolvem o raciocínio geográfico enegrecido e a possibilidade de uso do Funk como ferramenta didática.

Pensando no público alvo a ser desenvolvido a sequência didática, foi escolhido o 8º ano do Ensino Fundamental II para ser trabalhado o conteúdo de África através das manifestações culturais afro-brasileiras. Observe o esquema a ser utilizado:

Tabela 1-



fonte: O que é uma sequência didática? | Língua Dinâmica: Ideias e sugestões para o ensino de Língua e Literatura portuguesas. (wordpress.com)

Observe o quadro abaixo com um prévio esquema estabelecido para o 8º ano:

Quadro 2 -Esquematização da sequência didática

Eixo temático	Formas de representação e pensamento espacial
Habilidade	(EF08GE20) Analisar características de países e grupos de países da América e da África no que se refere aos aspectos populacionais, urbanos, políticos e econômicos, e discutir as desigualdades sociais e econômicas e as pressões sobre a natureza e suas riquezas (sua apropriação e valoração na produção e circulação), o que resulta na espoliação desses povos
Objetivo específico	Fazer com que a turma pesquise da onde vem os elementos africanos que sofrem marginalização no Brasil
Tomada de consciência com diagnose	Aula invertida a partir do conhecimento dos alunos sobre o funk carioca e apresentação de instrumentos africanos que são utilizados na batida do funk carioca
Atividades significativas	Análise de funks cariocas selecionados pelo professor, que retratam a realidade das favelas e debater em sala de aula de que modo essa realidade atravessa a vidas dos alunos

Atividades lúdicas	Assistir ao documentário “Eu só quero é ser feliz – uma breve história do funk carioca” <u>Eu só quero é ser feliz – uma breve história do funk carioca (youtube.com)</u>
Avaliação significativa	Os alunos terão que montar um jornal com reportagens que mostrem a marginalização das heranças afro-americanas no Brasil.

Fonte: A autora, 2024.

Nos dias atuais, é sabido que deve haver transparência entre o trabalho do professor e a coordenação pedagógica, por isso é de grande utilidade especificar como se dará este trabalho. Depois desta simples esquematização, é necessário pensar na sequência didática na prática. Desse modo, especificamente, esta sequência foi organizada para o oitavo ano do ensino fundamental II. Segue abaixo um quadro para compreender o que será utilizado.

Quadro 3- Recursos e referências que serão utilizados

Recursos:	Quadro branco ou negro; caneta de quadro ou giz; gráficos, tabelas, caixa de som, Datashow
Referências:	INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Brasileiro de 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). <u>Eu só quero é ser feliz – uma breve história do funk carioca (youtube.com)</u> <u>Tambores Africanos - Tambores Ancestrais - Tambores da África - Tambor Nativo Africano (youtube.com)</u>

Fonte: A autora, 2024.

Após a construção dos dois quadros acima, é necessário ressaltar que, cada detalhe é importante ser pensado no contexto da escola em que o professor irá passar a sequência didática. Em cada escola podemos encontrar a disponibilidade de materiais distintos e por isso, se torna necessário o planejamento prévio. Outro ponto crucial são as referências bibliográficas que serão utilizadas para que a coordenação também esteja ciente previamente. O alinhamento entre professor e a coordenação pedagógica é crucial para o bom andamento das atividades e aproveitamento dos alunos.

Quadro 4 – Sequencia didática para a turma do oitavo ano

A sequência didática será dividida em 4 fases. Observe o esquema abaixo:

<p>1-No primeiro momento será uma aula invertida para que os alunos exponham aquilo que conhecem do funk carioca e analisar qual é a influência africana neste ritmo</p>	<p>2-O professor irá selecionar funks cariocas que retratem a realidade das favelas e pensar com os alunos como o funk atravessa a vida deles.</p>	<p>3- Assistir ao documentário “Eu só quero é ser feliz – uma breve história do funk carioca” para explicar aos alunos como ocorreu a história do funk carioca e compreende-lo como movimento cultural</p>	<p>4-Os alunos terão que montar um jornal em grupo com reportagens que mostrem a marginalização das heranças afro-americanas no Brasil e seus impactos</p>
--	--	--	--

Fonte: a autora, 2024.

Após toda a construção e alinhamento do conteúdo, é necessário planejar as fases da sequência didática. Dessa forma, a sequência será planejada para que os alunos pensem sobre as conexões África/Brasil e quais são os elementos africanos que sofrem com a marginalização no Brasil.

Em um primeiro momento será realizado a aula invertida, uma metodologia ativa que gera interesse em participação dos alunos, além de flexibilizar as aulas. Na primeira parte da aula os alunos irão trazer suas contribuições sobre o funk carioca e o professor mostraria instrumentos que fundamentaram o “batidão” do funk carioca advindos da África. Logo no tempo seguinte, o professor irá selecionar funks conscientes (funks que apresentam críticas sociais) cariocas que retratem o cotidiano e a realidade nas favelas no Rio de Janeiro e tentará juntamente aos alunos compreender como o funk atravessa a vida deles. Na terceira fase da sequência didática será exibido um documentário encontrado no Youtube, chamado “Eu só quero é ser feliz” para que os alunos analisem a história do funk como movimento cultural. Por fim, será realizado um material físico para ser exposto na escola. Os alunos divididos em grupos irão montar um jornal com reportagens reais que mostrem a marginalização das heranças africanas no Brasil. E com isso, o objetivo será alcançado de traçar um paralelo entre um movimento cultural carioca e a marginalização da população negra no Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, conclui-se que uma sequência didática estruturada e planejada é capaz de acarretar em uma aprendizagem contextualizada, relacionada até mesmo com outras áreas de conhecimento. É possível através dessa metodologia de aprendizagem desenvolver competências e habilidades para estruturar o pensamento do aluno. Através desse processo, o discente passa a compreender e interpretar linguagens, argumentações e desenvolver seu raciocínio.

O ensino de geografia contemporâneo tem se debruçado em um ensino crítico, reflexivo, que não acredita em um modelo de reprodução de conteúdo aonde o professor é o detentor de todo o saber. Nesse sentido, a sequência didática tem grande potencial como metodologia de ensino por tornar a aula mais atrativa e participativa. Essa metodologia permite que o professor aprofunde o tema escolhido e chame a atenção do aluno para as reflexões propostas. Urge, portanto, que os professores compreendam a importância de o aluno ser o protagonista no ambiente escolar.

Este artigo se comprometeu também a refletir tanto acerca da criminalização e marginalização histórica que a juventude preta e periférica sofre quanto do distanciamento proposital do funk nas escolas. Urge a compreensão que o Estado promove a marginalização em relação às práticas culturais dessas juventudes. Inicialmente, o artigo trouxe uma contextualização histórica que destacou a necessidade de combater e superar a realidade dos preconceitos que a juventude preta/ periférica sofrem. Desse modo, entendemos que foram amplamente utilizadas para marginalizar grupos das classes periféricas.

Além disso, exploramos a relação entre funk e a escola, destacando seu apelo evidente no cotidiano dos alunos e da necessidade de aproximação do ambiente escolar. O funk retrata a necessidade do lazer e da propagação da alegria da vida, em detrimento da realidade brutal a qual os moradores das favelas são submetidos constantemente, e apesar de não ser a única versão, se tornou mais preponderante na imagem do funk brasileiro.

Ademais, o artigo abordou também, a origem racista da suposta ligação entre violência e o funk no Brasil, ressaltando a contribuição do Estado que passa a criminalizar bailes funk e há uma contribuição da mídia na construção de uma identidade estigmatizante do "funkeiro" como criminoso. Todo este contexto histórico racista contribuiu para a exclusão e marginalização desses jovens de muitos espaços, principalmente como as áreas mais nobres da cidade.

Neste trabalho foi realizado uma breve compreensão de que a reação à presença dos jovens negros e periféricos a espaços controlados não é algo recente. Desse modo, o artigo se propôs a apresentar um breve panorama histórico da repressão do Estado ao lazer das populações negras no Brasil e como isso pode impactar o ambiente escolar. Embora tenha havido avanços na legislação que afetam positivamente esta população ao longo do tempo, esses progressos não necessariamente se traduzem em igualdade racial e no fim dos estereótipos e preconceitos. E é através da história do Brasil que buscamos demonstrar essa constante por meio da análise da cultura africana no Brasil, e uma possível repercussão causada pela mídia e a resposta truculenta do Estado. Este artigo buscou contribuir para uma compreensão crítica das dinâmicas de criminalização e marginalização da classe trabalhadora preta e periférica, destacando a importância de compreender os fenômenos ligados ao funk de forma ampla, na expectativa de somar ao debate do assunto no ambiente escolar.

Com isso, o trabalho se propôs a discutir a importância do funk nos processos de socialização vivenciados por jovens pobres na periferia, problematizando o significado de morador de áreas periféricas no conjunto da vida dos alunos. E teve como foco os alunos e suas relações com o funk, procurando analisar as suas experiências culturais e o sentido que trazer o funk para o ambiente escolar adquirem no conjunto dos processos sociais que os constituem como sujeitos. Significa compreender como eles elaboram as suas vivências, e no contexto social onde se inserem como jovens pobres.

A discussão aponta que os jovens funkeiros encontram poucos espaços nas instituições do mundo adulto para construir referências e valores por meio dos quais possam se construir como sujeitos e isso acontece pela falta de espaço já no ambiente

escolar desde os anos iniciais. O funk assume uma centralidade na vida desses jovens por intermédio das formas de sociabilidade que constroem, da música, e dos eventos culturais que promovem. Esses estilos possibilitaram a esses jovens relações e símbolos por meio dos quais criam espaços próprios.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental – Geografia**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/geografia.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2021.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro- Brasileira", e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 30 nov. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: educação é a base**. Brasília: MEC/SEB, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 30 nov. 2021.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GONÇALVES, Ludmylla Soares dos Santos. **O uso do funk como ferramenta didática no ensino de geografia** / Ludmylla Soares dos Santos Gonçalves. - Rio de Janeiro, 2021

HERSCHMANN, Micael. **Funk E O Hip-Hop Invadem A Cena**. Rio de Janeiro, 2005

PEREIRA, A. A. O Movimento Negro brasileiro e a lei nº 10.639/03: da criação aos desafios para a implementação. **Revista Contemporânea de Educação**, [S. l.], v. 12, n. 23, p. 13-30, ago./dez. 2017. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/3452/7577>. Acesso em: 01 dez. 2021.

ZABALA, A. *A prática educativa: como ensinar*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda., 2011.